

Teatro

17, 18, 19 fevereiro 2012

(com um espetáculo satélite de 14 a 19)

Forest Fringe

Um microfestival

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

19h – Abertura

Watch Me Fall de Action Hero

20h – Aventura

Works-in-progress de Bryony Kimmings, Jenna Watt, Mamoru Iriguchi e André e. Teodósio & Cão Solteiro

21h30 – Histórias

Like You Were Before de Deborah Pearson

Hitch de Kieran Hurley

23h – Conclusão

Growing Old With You de Search Party

Ter 14 a Dom 19 – Satélite

Sessões às 16h, 16h45, 17h30, 18h15, 19h

Maybe if you choreograph me, you will feel better de Tania El Khoury

Instalação

Peças de Tim Etchells, Andy Field e Gary McNair & Kieran Hurley

Com o apoio
do British Council

Vários espaços da Culturgest

Espectáculos em inglês, sem legendas · M12

Tudo possível

Tendo por base um salão poeirento e com poucos recursos por cima de um café incrível em Edimburgo, o Forest Fringe conseguiu coisas notáveis.

Quando os encontras pela primeira vez, como artista, perguntam-te de que é que precisas. Não têm muito para oferecer – alguns projetores, umas varas de luz, um palco pequeno que inclui um grande púlpito, outras salas mais pequenas – mas ainda assim perguntam-te de que é que precisas. Dizes-lhes e eles respondem: “Ok, deve ser possível.”

A outra coisa que te perguntam é: “O que é que gostarias de fazer?” Não têm uma agenda que te queiram impor, para além de “O que é que para ti seria útil fazeres no nosso espaço?” Dizes-lhes e eles respondem: “Ok, deve ser possível.” Uma peça interpretada por cinco espectadores, todos com auscultadores, e uma televisão? Um homem a subir repetidamente um escadote até ter alcançado o equivalente à altura do espaço? Um memorial dançado a um teatro que fechou noutra cidade? Um *cabaret* de *performances* de *live art* um-para-um que dura a noite inteira? Um espetáculo num clube de vídeo à meia-noite? *Ok, deve ser possível.*

Se não souberes exatamente o que é que seria útil para ti por enquanto, eles dizem: “Bem, então decide quando cá chegares.” Confiam em ti. Enquanto artista. Porque eles são artistas. Portanto confiam que os artistas vão fazer-se as perguntas, colocar-se os desafios que vão produzir as experiências que serão vitais para os espectadores. E pratica-

mente, parece-me, qualquer desafio que queiras propor eles arranjarão maneira de o tornar possível.

E o que é que eles dizem ao público? Dizem: “Olhem, aqui estão artistas interessantes a fazer ótimo trabalho. Venham ver, experimentar, fazer - pronto, não vão gostar de tudo, mas vão gostar de muita coisa, e vão adorar algumas coisas, e é tudo de graça ou pelo preço de um bilhete barato para ver tudo. Venham, experimentem, fiquem por cá e falem sobre isto.”

A partir do salão poeirento e com poucos recursos por cima do café incrível em Edimburgo, o Forest Fringe abriu as asas e começou a circular com um modelo de microfestival, adaptando a sua estrutura a diferentes espaços em cidades diferentes, mas mantendo sempre as suas premissas centrais: *O que é que gostarias de fazer? De que é que precisas para conseguir isso? Ok, deve ser possível.*

Para quem não está familiarizado com a forma de funcionamento do Festival Fringe de Edimburgo, é difícil dar-se conta de como o Forest Fringe é extraordinário e transformador. Começou quando aquele café incrível, o Forest, convidou alguns artistas para comissariarem um programa, fora do Fringe, de atividades gratuitas durante o Festival. O Forest Café está agora em perigo, talvez extinto de vez, porque algumas pessoas têm dificuldade em ver o que há de extraordinário em coisas que também são difíceis e imprevisíveis. Mas a influência do que eles começaram, quando fizeram o convite que deu origem ao Forest Fringe, continua

a reverberar através do Festival de Edimburgo e do teatro e *performance* britânicos.

A dada altura, damo-nos conta de que eles já não são “eles”, que eles somos “nós”. Que fazes parte da família crescente de artistas que compõem o Forest Fringe. É uma família alargada que tenho orgulho em integrar, e é um prazer pedirem-me para ajudar a apresentar o Forest Fringe ao público lisboeta.

Sinto que estou a apresentar dois dos meus melhores amigos que ainda não se conheciam. Lisboa é a minha cidade preferida onde já apresentei trabalhos meus e tenho tido a sorte de colaborar com artistas, produtores e espaços fantásticos nesta cidade. Os espetáculos de Third Angel na Culturgest estão entre os meus espetáculos preferidos de sempre. Acho que vocês os dois se vão dar muito bem.

Alexander Kelly

Codiretor artístico de Third Angel

Artista do Forest Fringe

Cronologia

2001

- Mamoru Iriguchi começa a trabalhar com o encenador David Fielding.
- Pete e Jodie (dos Search Party) conhecem-se.

2005

- Pete e Jodie fundam os Search Party e recebem a primeira encomenda a partir de um *work-in-progress* apresentado no Exeter Phoenix.
- Gemma e James fundam os Action Hero em Bristol.
- Debbie Pearson muda-se do Canadá para Edimburgo, ficando a dormir durante os primeiros meses no sofá de Andy Field.
- Tania El Khoury chega a Londres.

2006

- Kieran Hurley cria o seu primeiro espetáculo, com o grupo de teatro experimental For We Are Many (entretanto dissolvido).
- Em julho, guerra de Israel contra o Líbano, que transforma completamente o trabalho que Tania El Khoury estava a fazer na altura.

2007

- O primeiro espetáculo acabado dos Action Hero estreia no centro de artes Arnolfini em Bristol.
- Os Search Party mudam-se para Bristol e juntam-se à organização Residence, gerida por artistas, da qual também fazem parte os Action Hero.
- Mamoru começa a trabalhar com Adrian Jackson, fundador dos

Cardboard Citizens.

- Debbie funda o Forest Fringe no Forest Cafe em Edimburgo. Integrada na programação, Andy apresenta uma peça nova chamada *Exposures*.

2008

- Mamoru Iriguchi começa a trabalhar no seu primeiro espetáculo a solo.
- Jenna Watt faz o seu primeiro espetáculo na National Review of Live Art em Glasgow.
- Debbie e Andy começam a codirigir o Forest Fringe.
- Os Action Hero colaboram com o Forest Fringe pela primeira vez no Festival de Edimburgo, com apresentações *work-in-progress* de *Watch Me Fall*.
- Mamoru colabora com o Forest Fringe pela primeira vez, integrado numa das mostras One o'clock Scratch do BAC, com curadoria de Laura McDermott.
- Os Search Party estreiam-se internacionalmente integrados no ANTI festival da Finlândia.
- Kieran trabalha num projeto nos Arches, em Glasgow, chefiado pela companhia de teatro PLaY, onde conhece e colabora com, entre outros, Jenna Watt e Julia Taudevin.

2009

- Tania El Khoury colabora pela primeira vez com o Forest Fringe, criando uma nova peça um-para-um chamada *Fuzzy* para o Festival de Edimburgo.
- Os Action Hero estreiam-se internacionalmente em Barcelona, onde chegam vindos de carro desde Bristol.
- Os Action Hero fazem uma carreira de uma semana do seu espetáculo

A *Western* no Forest Fringe, integrada na plataforma do British Council em Edimburgo.

- Tim Etchells colabora com o Forest Fringe pela primeira vez, com um programa de acontecimentos imaginários para o Festival de Edimburgo.
- Kieran sai do seu apartamento em Glasgow para tentar ir à boleia até aos protestos contra o G8 em Itália.
- Kieran colabora pela primeira vez com Gary McNair no projeto *Allotment* do Teatro Nacional da Escócia.

2010

- Os Search Party colaboram pela primeira vez com o Forest Fringe num *work-in-progress* de *Growing Old With You* no microfestival de Bristol do Forest Fringe.
- Jenna colabora com o Forest Fringe pela primeira vez, criando uma nova instalação para o microfestival de Glasgow.
- O Forest Fringe cria a Travelling Sounds Library, que leva pela primeira vez em digressão por diversas zonas do Reino Unido.
- Jenna Watt é banida dos Arches em Glasgow devido a um ato “imprudente e potencialmente perigoso” durante um espetáculo.
- Os Search Party estreiam-se fora da Europa no Junction Arts Festival na Austrália.
- Kieran Hurley colabora com o Forest Fringe pela primeira vez, apresentando *Hitch* no Forest Fringe em Edimburgo.
- Bryony Kimmings apresenta *Sex Idiot*, o seu primeiro espetáculo em Edimburgo, pelo qual ganha um Total

Theatre Award.

- Bryony apresenta um número de *cabaret* em horário de fim de noite no Forest Fringe.
- Debbie ganha um Herald Angel Award por *Like You Were Before*, apresentado pelo Forest Fringe no Festival de Edimburgo.
- Os Search Party lançam o seu primeiro livro, *Save Me: A Conversation Across the City*.

2011

- Os Action Hero apresentam *Watch Me Fall* com o Forest Fringe, integrados na plataforma do British Council em Edimburgo.
- Kieran Hurley e Gary McNair apresentam o seu filme no Forest Fringe em Edimburgo.
- Jenna Watt faz assistência no seu primeiro espetáculo do Teatro Nacional da Escócia, com encenação da diretora artística Vicky Featherstone.
- Bryony Kimming começa a beber durante sete dias seguidos como parte do seu projeto mais recente, *Seven Day Drunk*.

2012

- Os Action Hero participam na residência Darkroom para escritores, refrescando e revigorando totalmente o seu processo de trabalho.
- O Forest Fringe apresenta o seu primeiro microfestival internacional na Culturgest em Lisboa!

ABERTURA

Watch Me Fall

Vê-me a cair de Action Hero

© Toby Fairrow



Action Hero: Gemma Paintin e James Stenhouse.

Este espetáculo é uma encomenda do centro de artes Arnolfini apoiado pela Universidade de Chichester e o Arts Council England.

Desenvolvimento no Residence.

Estreia: Arnolfini, Bristol, fevereiro 2009. actionhero.org.uk

Conheci a Gemma antes de ela conhecer o James. Conheci o James antes de ele conhecer a Gemma. Não estou a chamar para mim a responsabilidade pelo sucesso continuado deste duo notável (embora a bicicleta-cavalo de *A Western* seja minha), mas, como um *groupie* fascinado pelas estrelas, agarro-me à minha cassete pirata e recito o meu mantra “Eu já andava de olho nestes gajos antes de eles serem famosos”. As nossas vidas têm-se entrelaçado nos últimos 13 anos, eu estive lá, trouxe

a t-shirt e acho que posso falar com alguma autoridade quando digo: “você vão adorar!” E tal como há o capital cultural de ter lá estado na primeira fila, coberto de cuspo do vocalista, tem importância ter estado num espetáculo dos Action Hero. Não para podermos recordar de olhos embaciados e contar aos netos histórias de Woodstock, ou Glastonbury, ou da final da Liga dos Campeões, mas porque é essa noção de “ao vivo” na cultura popular que serve de alicerce aos espaços que eles criam com o seu público. Quando vejo o trabalho deles sinto que tem importância eu estar lá. E daí, não é sobre mim, é sobre nós, é sobre este grupo de pessoas formado em volta destas promessas de saltos de mota espetaculares sobre autocarros de dois andares. E através da sua mistura subtil de precisão teatral, sátira afiada e entrega física e emocional, os Action Hero criam novos espaços para nós, os espectadores, a comunidade, ocuparmos. Espero que gostem do espetáculo e se a qualquer momento o virem a arder, não tentem ajudar, esperem só que o pessoal dele chegue lá.

Pete Phillips (Search Party)

Like You Were Before

Tal como eras antes de Deborah Pearson



Edimburgo e circulou pelo Mayfest, o Sampled Festival em Cambridge, o Hatch em Nottingham e o Word Festival de Londres, entre outros. Usando um vídeo do último dia em que viveu no Canadá, há seis anos, a Deborah tenta inserir-se de novo no enquadramento. *Like You Were Before* é um espetáculo sobre andar para a frente às arrecuas. É um relato pessoal e tocante sobre a ideia de “lar” e de o deixar para trás.

A Deborah está agora a trabalhar numa peça sobre o futuro. Tive direito a uma antevisão e achei-a bem escrita, espirituosa, divertida e inovadora.

Tania El Khoury

Espectáculo apoiado pelo Forest Fringe.
Estreia: Forest Fringe, Edimburgo,
agosto 2010.

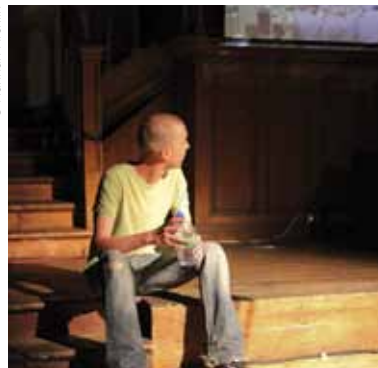
www.deborahpearson.com

A prática criativa de Deborah Pearson atravessa a escrita de peças, espetáculos a solo, *devising*, dramaturgia, projetos de arte pública e comunitária, tudo enquanto codirige e gere o Forest Fringe de há cinco anos para cá. Está empenhada em ser formalmente inventiva em cada projeto a que se dedica. A ideia dita sempre uma nova abordagem à *performance*. A invenção é fundamental no seu trabalho, tal como o seu interesse pela intimidade e pela narrativa.

Like You Were Before, da Debbie, ganhou um Herald Angel Award em

Hitch

Boleia de Kieran Hurley



© Hannah Nicklin

Espectáculo desenvolvido com o apoio de The Arches.

Estreia: The Arches, Glasgow,
setembro 2009.

@kieran_hurley

Kieran Hurley é um fazedor de teatro, escritor e investigador, mas dentro da nossa comunidade teatral também é considerado um colaborador essencial, um intérprete enérgico, um pensador inteligente e um criativo empenhado. Em teatro, apresentou o seu trabalho por todo o Reino Unido, em espaços como os Arches, o Forest Fringe, Carriageworks, BAC, e é atualmente um Auteur junto do Teatro Nacional da Escócia. Recebeu recentemente o Arches Platform 18 Award para criar a

sua nova peça, *Beats*. Tem conquistado a reputação de alguém que cria um teatro emancipatório, político e instigante.

Kieran explora com frequência assuntos altamente politizados dentro de um contexto social com que nos podemos relacionar coletivamente, tais como uma noite na discoteca cheia de copos e punhos no ar ou uma cidade ocupada por apaixonados manifestantes. A resistência física desempenha um papel significativo no trabalho de Kieran: com *Hitch* vimo-lo a ir à boleia até à Cimeira do G8 em L'Aquila; contrastando com isso, em *PLAY: A Time and a Place*, o Kieran escovava os dentes enquanto eu lhe dava pastilha elástica; e em *Man Test* com Gary McNair, Hurley compete numa série de provas físicas para criticar a ideia de virilidade. Acho que estes exemplos provam que Kieran não só é perito em representar e escrever sobre temas complexos mas também não tem medo de pôr as mãos na massa e fazer com que os seus espectadores se divirtam.

O que eu realmente admiro na prática de Kieran é a sua dedicação a uma ideia. Isso combinado com a sua ética de trabalho, sentido de humor e pragmatismo dá ao trabalho de Kieran uma forte noção de integridade, realismo e emancipação.

Jenna Watt

Growing Old With You

Envelhecer contigo de Search Party



Search Party: Pete Phillips e Jodie Hawkes.

Espectáculo desenvolvido com o apoio de: Arts Council England, The Showroom (Universidade de Chichester) e Ferment do Bristol Old Vic.

Pesquisa e desenvolvimento com o apoio de: BAC, South Hill Park e Forest Fringe.

Estreia: Festival In Between Time, Bristol, dezembro 2010.

www.searchpartyperformance.org.uk

Conhecemos os Search Party há muito tempo. Na verdade desde que éramos adolescentes, e passámos juntos os nossos vintes. *Growing Old With You* parece especialmente pungente à luz desta longa amizade; uma espécie de marcação do tempo desde que eles se conhecem, e assim, por procuração, do tempo desde que nós os conhecemos.

O trabalho deles é sempre bela e cuidadosamente estruturado, e dão sempre muita atenção à maneira como o apresentam. O pormenor da forma como a Jodie atira sal por cima do Pete em *Growing Old With You*, ou de como o Pete ata uma corda à volta da cintura da Jodie quando ela está de pé junto dele em *The Long Walk*, ou como se concentram enormemente no envio entre si de mensagens semafóricas em *Save Me*. Todas estas coisas falam sobre a sua relação, e de como isso está no coração do seu trabalho. O que é que significa estar juntos, ou separados? Conhecemo-los há tanto tempo (mais) do que eles se conhecem um ao outro, e no entanto de cada vez que os vemos juntos em palco é como se os estivéssemos a ver pela primeira vez, criando e recriando momentos de qualquer coisa partilhada entre eles que eles guardam para os seus espectadores. A vida parece tão frágil quando o Pete e a Jodie a põem em cena – sei que quando os vejo estou a ver tanto a vida real como outra coisa qualquer; uma coisa mais delicada, uma coisa efémera, uma coisa que fala sobre relações entre pessoas e como são preciosas, e como poderíamos tentar preservá-las.

Action Hero

Maybe if you choreograph me, you will feel better

Talvez, se me coreografares, te sintas melhor de Tania El Khoury



com a companhia Dictaphone Group, tendo recentemente criado uma peça íntima nos autocarros públicos, agora em ruína, de Beirute. O seu trabalho mistura habilmente o pessoal e o político, criando obras que têm coração e ressonâncias sociais.

Deborah Pearson

Som e Música: Laura Whitticase.

Uma encomenda desenvolvida no BAC.

Estreia: BAC, Londres, abril 2011.

www.taniaelkhoury.com

A Tania interessa-se particularmente pela relação entre público e *performer*, de modo que o seu público é normalmente constituído por pequenos grupos e o local da apresentação contextualiza a peça. A sua obra mais recente, *Maybe if you choreograph me, you will feel better* explora a dinâmica de género ao convidar um espectador masculino de cada vez a olhar para a rua e dar indicações a uma transeunte. Esta peça ganhou o Total Theatre Award de Inovação e o Arches Brick Award no último Festival de Edimburgo e tem circulado pelo Reino Unido e pela Europa. No Líbano ela trabalha

AVENTURA

Bryony Kimmings, Jenna Watt e Mamoru Iriguchi preparam experiências curtas para pequenos grupos de espectadores, depois de uma semana de trabalho nos espaços da Culturgest.

Os portugueses André e. Teodósio & Cão Solteiro, que estão a ensaiar na Culturgest *Top Models – Paula Sá Nogueira (um bestiário)*, com estreia marcada para 7 de março, convidam o público do Forest Fringe a assistir a um pouco do seu processo de trabalho.



Bryony Kimmings

www.bryonykimmings.com

São 20h05, sexta-feira, 3 de fevereiro. Estou a escrever este texto no meu portátil numa carrinha que vai a correr de volta a Londres vinda de Brighton, onde passámos o dia a trabalhar. O meu colega (o condutor) falhou a saída da autoestrada e perdemos aqueles 45 minutos cruciais. Estou a bater com a cabeça no *tablier* em desespero, pensando num espetáculo que acaba de começar em St. Albans, uma vila suburbana de Londres. Trata-se de *Seven Day Drunk* de Bryony Kimmings. Voltei a perdê-lo!

Sim, não é a primeira vez que perco este espetáculo que tenho andado desesperado para ver desde a sua carreira triunfal em Edimburgo no verão

passado. Mas sempre que ela o estava a fazer, eu estava num sítio totalmente errado ou metido em sarilhos que me impediam de chegar perto da sala de espetáculos. Como esta noite. Não tenho dúvidas de que esta nova peça é tão imaginativa e absurda e hilariante e extravagante e atrevida e honesta e lúdica e intelectual e sexy e comovente como *Sex Idiot*, um espetáculo fabuloso que ela fez antes. E no entanto não consegui vê-lo, como que por uma espécie de castigo.

Pronto, tenho de fazer uma confissão envergonhada e embaraçosa.

Eu podia ter visto *Seven Day Drunk* em Edimburgo no verão passado...

A minha estadia lá foi curta e eu estive tremendamente ocupado, mas não era impossível. No entanto, apesar de o título estar escrito a letras grossas e destacado a rosa fluorescente na minha agenda, consegui não sei como não ir vê-lo! E se não se aproveita a oportunidade que ela oferece, tem de se pagar o preço. Como eu. Portanto, eis aqui a moral:

Nunca percam a primeira oportunidade para ver Bryony Kimmings.

Ou percam-na para sempre!

Mamoru Iriguchi

P.S. Eu ainda não desisti. Nunca desisto.

Cão Solteiro & André e. Teodósio

Cão Solteiro

Não é todos os dias que conhecemos uma pessoa que amamos. E encontrá-las na mesma cidade em que se vive pode-se dizer que é raro! Antes de nos conhecermos eu já era uma espécie de admirador secreto gogoliano daquele cão solteiro. Seguia-lhes as pegadas e os latidos. Quis o destino que as conhecesse num teatro onde ia estrear o meu primeiro espetáculo (curiosamente tratava-se de um texto de Gogol), quando me ajudaram a arranjar a ficha de um candeeiro, porque perceberam que eu estava desesperado com a minha falta de jeito para dar fim àquilo. Mas embora o que eu escrevo agora seja real no sentido em que aconteceu, o meu objetivo é totalmente metafórico: a lâmpada que me ajudaram a acender era a que estava dentro da minha cabeça, a cabeça de alguém que ainda se comportava segundo procedimentos artísticos miméticos. Porque esse celibatário era mais do que um cachorro, um amante ou um professor: sem elas tenho a certeza de que não saberia o que quer dizer estar vivo. Cão Solteiro é para mim o mais importante companheiro do mundo. You pet it is!

André e. Teodósio

André e. Teodósio

Artist, reference ornithologist, false biographer, 35 years old, ist Slim (facts don't) Fit (him): Art over Life. Mind over Matter (here he comes). Head over Heels (he's winning). A over Der



© Steve Stoer

(he leaves). Game over (we lose) – this means we really love him.

André e. Teodósio é um desordeiro: acorda e põe-se a pensar em coisas difíceis de executar num espetáculo teatral de estratégia mimética: o cair da noite, morrer, entradas e saídas narrativas, enfim, todo um pesadelo para qualquer pessoa que queira fazer teatro e pensar muito.

Aquí os mecanismos confirmados do teatro não são rejeitados mas exauridos e abandonados depois à sua sorte/ à sua morte – o ator é aquele que age numa ficção hiper-real e desenvolve o seu discurso através da citação, da anunciação, da enunciação, da nomeação, da enumeração ou de qualquer outra forma hiperbólica, fugindo a sete pés da metáfora – O corpo é o limite. (The sky is the limit) – Qualquer objeto imediatamente reconhecível é passível de ser apropriado e concorre diretamente para a criação de uma estética projetada no Futuro em esperança – O futuro é aqui e agora, a possibilidade de continuar – O insulto é um meio de expressão como qualquer outro. O Mal existe. Há que lidar com ele – A alma é uma mais-valia (mais valia estar quieta). Procura-se o Sublime (um instantinho de beleza). Cão Solteiro

Jenna Watt

www.jennawatt.co.uk
@thejennawatt

Jenna Watt trabalha em *live art*, *performance* contemporânea e formas mais tradicionais de teatro, saltitando entre estes diferentes modos com um desdém refrescante pela convenção. Às vezes está a dirigir atores na nova obra de um jovem dramaturgo, ou a fazer assistência numa das produções principais do Teatro Nacional da Escócia; outras vezes está a fazer uma das suas peças de teatro experimentais a solo, ou a construir uma *performance*-instalação interativa para um festival de *live art*. No meio disto tudo tenho a noção clara de que para a Jenna o trabalho em si é muito mais importante do que qualquer etiqueta que se lhe possa colocar.

Parece-me que está sempre mesmo à escuta de cada projeto para se perguntar que conjunto de competências, que enquadramento artístico, que colaboradores principais serão necessários para o pôr em prática. Esta versatilidade e curiosidade que não desiste querem dizer que o trabalho da Jenna parece sempre novo, e tem sempre a capacidade de surpreender. Pode-se pensar que já a temos topada como intérprete delicadamente encantadora quando de repente ela saca do taco de baseball e atira maçãs para o público que não estava nada à espera, do mesmo modo que quando estamos prestes a pô-la numa caixa na nossa cabeça com a etiqueta “avant-garde experimental” ela aparece e fala-nos do seu próximo trabalho sobre Tchékhov.



© Rachel Henson

Basicamente a Jenna é uma artista performativa altamente versátil, inquiridora e ousada. Uma vez também me destruiu completamente numa luta de almofadas, para gáudio dos espectadores que tinham comprado bilhete. Não é por acaso que ela se descreve a si própria como “extravagante e invulgar, com um lado negro”.

Kieran Hurley



Mamoru Iriguchi

iriguchi.co.uk

Entrar no mundo de Mamoru Iriguchi é como entrar num livro de ficção erótica dos anos 80 misturado com a fantasia de quarto de princesa de uma rapariga pré-púbere. O seu trabalho é digitalmente esclarecido, belo e com exatamente a quantidade certa de estupidez. Seja a relação sexual entre um projetor e um ecrã, uma história sobre engravidar o seu útero falso de coelho ou uma história às bolinhas sobre um rapaz que adora ovos, pode-se sempre esperar carradas de romance incomodativo, um ou dois enormes figurinos marados e a lógica toda às curvas de um sonho. O seu trabalho faz-nos pensar sobre o nosso próprio cérebro e as ligações que faz quando estamos sozinhos à noite, sobre porque é que não brincamos mais vezes com miúdos na rua e como será lamber uma tomada elétrica.

Bryony Kimmings

INSTALAÇÃO

Como parte deste microfestival Forest Fringe comissariámos um conjunto de instalações e um filme para serem explorados no intervalo dos espetáculos principais. Este tipo de projetos inabituais foi sempre importante para o Forest Fringe, criando uma atmosfera entusiasmante onde colidem diferentes tipos de peças de formas interessantes e inesperadas; a arte sempre a esgueirar-se para fora do auditório, espalhando-se pelo resto do edifício.

Tim Etchells

Tim Etchells é um artista e fundador do grupo de *performance* Forced Entertainment [o seu trabalho tem sido apresentado com regularidade em Portugal em espaços como a Culturgest, o alcantara festival e o Teatro Maria Matos]. Os seus trabalhos a solo atravessam uma série de formas e meios de expressão, da escrita de ficção ao cinema, passando pelas artes visuais; sempre explorando novas maneiras de articular o seu modo ferozmente distinto de olhar para o mundo.

O Forest Fringe trabalha com o Tim já há alguns anos, desenvolvendo uma das nossas colaborações mais inesperadas e recompensadoras. Nesse período o Tim criou connosco uma série sempre em expansão de acontecimentos imaginários que reutilizam a atualidade noticiosa para produzir situações *trashy* e sensacionalistas; de combates a concursos de beleza, de telemaratonas a grotescos espetáculos televisivos. O primeiro destes projetos foi um programa de acontecimentos imaginários para o Festival de Edimburgo de 2009, a que se seguiu uma série de posters para acompanhar os nossos primeiros microfestivais britânicos em 2010. Fora

do contexto do Forest Fringe, este projeto atingiu o seu zénite com *Vacuum Days* (www.vacuumdays.com), um projeto épico com um ano de duração no qual o Tim criou uma nova série de acontecimentos fantásticos para cada dia de 2011.

Especialmente para a Culturgest, o Tim criou uma série de posters que apresentam alguns dos combates imaginados que integraram este projeto até agora, juntamente com alguns inteiramente novos; uma sequência de colisões absurdas criada a partir dos antagonismos de um ano extraordinário. Tal como todos os projetos que o Tim tem feito para o Forest Fringe, esta peça foi criada inteiramente à distância; uma colaboração digital conduzida por email à medida que o Tim e nós íamos saltando de projeto em projeto e de cidade em cidade.

www.timetchells.com

Andy Field

Paralelamente à instalação de posters do Tim, tenho o prazer de estar a criar uma peça nova especialmente para a Culturgest. O trabalho do Tim foi sempre uma enorme influência no meu próprio trabalho e como ele

passo bastante tempo a explorar as zonas cinzentas entre formas artísticas familiares. O meu trabalho tem incluído desde jogos de rua a passeios sonoros, passando por peças para palco.

Para a Culturgest, vou criar uma instalação para um dos grandes *foyers* do edifício. Chamada *Crash Site*, a peça é uma descrição fantasiosa da zona de queda de um avião criada usando mais de uma centena de pequenos cartões espalhados pelo chão do *foyer*. Passeando por entre os cartões começa-se a reunir os fios da história deste desastre imaginado. Oscilando entre o mundano, o horrendo e o absurdo, a peça explora a nossa relação mutável com o voo ao longo dos últimos cem anos.

www.lookingforastronauts.wordpress.com

Travelling Sounds Library do Forest Fringe

Também vai estar na Culturgest a Travelling Sounds Library do Forest Fringe. A biblioteca de sons é um projeto único do Forest Fringe que reúne um leque diversificado de peças de som independentes, por artistas como Stan's Cafe, Blast Theory e Sleepdogs, numa coleção rica e entusiasmante.

A biblioteca é constituída por uma série de livros de capa dura sem miolo, cada um contendo um leitor mp3 e um pequeno programa com informação sobre as peças disponíveis para audição. Em conjunto, estes livros percorrem o Reino Unido, aparecendo em galerias, festivais, teatros e espaços encontrados. Para explorar a biblioteca basta escolher

um livro, pôr um par de auscultadores e entrar imediatamente num mundo de sedutores encontros áudio criados por alguns dos mais interessantes artistas britânicos atuais. Pode-se explorar a biblioteca a sós ou pedir conselhos à nossa Bibliotecária, que pode recomendar uma faixa específica.

www.forestfringe.co.uk

Kieran Hurley and Gary McNair

Para terminar, temos muito gosto em poder mostrar uma peça de vídeo de Kieran Hurley, que também pode ser visto aqui a interpretar *Hitch*, a sua peça a solo, e de outro artista do Forest Fringe, Gary McNair. O Gary esteve este verão no Forest Fringe em Edimburgo com uma peça extraordinária chamada *Crunch*, na qual o público era encorajado a abandonar a sua fé no dinheiro. Juntos, Gary e Kieran fazem parte de uma entusiasmante cena de artes performativas sediada em grande parte em Glasgow, na Escócia, que também inclui outros artistas como Nic Green, Glas(s) Performance e Jenna Watt, outra artista que está aqui connosco em Portugal. Recentemente, Kieran e Gary começaram a trabalhar juntos num novo projeto que explora noções de masculinidade. Esta colorida, divertida e no entanto perturbante instalação vídeo é um dos resultados dessa colaboração; outra vai ser um espetáculo completo que também inclui o artista Chris Hall.

Andy Field



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Periplus

Deambulações luso-gregas

© Egle Bazaraitė



Música Sáb 25 de fevereiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M12

Voz, braguesa Amélia Muge **Voz, acordeão** Michales Loukovikas **Piano, teclados, acordeão** Filipe Raposo **Clarino, voz** Manos Akhalinotopoulos **Percussão** José Salgueiro **Flautas ney e de bisel, teclados** Harris Lambrakis **Violino, viola, bandolim, buzuzuki** Kyriakos Gouventas **Guitarra portuguesa** Ricardo Parreira **Convidados especiais** Outra Voz (Côro criado no âmbito de Guimarães Capital da Cultura pela Área da Comunidade)

O primeiro encontro entre Amélia Muge e Michales Loukovikas deu-se há mais de dois anos. Ela em Portugal, ele na Grécia, nunca mais pararam de trazer, levar e compor ideias e músicas, numa primeira fase exclusivamente via Internet.

Periplus representa a viagem deste contemporâneo encontro, onde uma coisa lembra outra que leva a outra ainda, que se desconhece. Homenageia as primeiras circum-navegações que se realizaram à volta da cultura mediterrânica e de todas as outras em contacto com este berço civilizacional.

Construir pontes, abrir janelas, é o que esta viagem-concerto traz de mais empolgante, com a ajuda de excepcionais músicos portugueses e gregos.

Para lá de músicas e poemas originais, recua-se até à música e poesia grega antiga (Primeiro Hino délfico, Hino a Némesis e Epítáfio de Seikilos); revisitam-se temas tradicionais portugueses e gregos; dialoga-se entre o rebético e o fado; evoca-se a morna de Cabo Verde e as canções de embalar e lamentos de ambos os países; descobre-se uma quase idêntica lírica entre um tema galaico-português e uma canção grega oriunda da Ásia Menor. Fazem ainda a viagem poemas de Natália Correia, Ares Alexandrou, Fernando Pessoa, Constantino Cavafy e Hélia Correia.

A Outra Voz são os convidados especiais. Esta participação da sociedade civil é muito especial, no esforço de ligação entre o popular e o erudito, a tradição e a inovação, o antigo e o moderno, a grefofonia e a lusofonia, o longe e o perto.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso
de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

